

Um caso de ciúme

I

Atingimos grande maternidade, na altura da noite.

Antésio, o amigo espiritual que nos chamara, recebeu-nos a postos.

Seguimos.

O quarto de Maria Regina era um cubículo anexo à enfermaria. Velha câmara de despejo, convertida em refúgio. Espantada, rendia-se à prece.

Não seria necessário maior exame para estabelecer o prognóstico. O nascituro assemelhava-se a semente viva ansiando sair do fruto deteriorado.

Inclinamo-nos para a parturiente.

A agonia tomava-lhe o rosto edemaciado. Suor abundante. O organismo anêmico não reagia.

Entretanto, o pequenino ser vivente exci-

tava-se todo, como alguém a bater numa porta selada.

II

Maria Regina, esperando o cirurgião, recordava, recordava...

Quantos sucessos dentro de um ano!

Via-se abraçada no cartório, ao desposar Gilberto, o marido confiante.

Rememorava o noivado difícil.

Gilberto, requestado por Clênia, demorara a se decidir.

Clênia era a prima dele, a quem devotava amizade pura.

Seguira-o, desde os primeiros dias da escola.

Entre as duas, sofria ele a intercessão de parentes.

Amava-a, a ela, que se lhe tornara a companheira legal; contudo, era sensível às demonstrações de ternura que recebia da outra.

Haviam sido felizes, imensamente felizes, durante dez dias. Depois disso, a rival caíra doente. Inspeções radiológicas. Desinteressada, talvez, da vida, Clênia entregava-se aos bacilos a lhe trabalharem os pulmões.

Surgiram as primeiras dificuldades sentimentais.

Experimentando conflito enorme, Gilber-

to, compadecido, deixava a residência da prima, alta noite.

Confortava-a. Estimulava-lhe o gosto pela medicação...

Torturada, Maria Regina costumava dizer-lhe: "venha hoje mais cedo... sinto a cabeça pesada..."

— Ciumenta! — era só o que ele respondia, embrulhando amostras gratuitas de remédios caros, para socorro à prima enferma.

O esposo era mecânico bem pago e saía cedo. Se quisesse vê-lo e ouvi-lo que levantasse de madrugada, oferecendo-lhe o café quente. Salvo isso, almoçava fora e à noitinha fazia trampolim do lar, simplesmente para a troca de roupa.

Relegada a si mesma, entregou-se ao ciúme, e começou a fantasiar. Como se possuía por fantasmas estranhos, parecia transportada, em espírito, à casa de Clênia. E mentalizava Gilberto a recostá-la no próprio peito.

Delirando, ouvia-lhe juramentos de amor. Chorava a debater-se no leito frio.

O esposo chegava tarde e surpreendia-lhe os olhos vígeis, inchados de pranto.

— Que houve? — a pergunta vinha irritante como chicote no ar.

— Estou cansada, doente...

Ante a resposta, Gilberto ria, nervoso, irônico.

Depois de quatro meses, apareceu uma noite mais aflitiva.

Procurara não pensar, trabalhando. Habi-tuara a insculpir em madeira. Trouxe pequena faca. Cortava cuidadosamente com os dedos ágeis, mas o espírito andava longe.

Tinha a ideia de entrar no quarto de Clênia e surpreender o marido em posição pouco digna. Debalde o tentame. Deixou o instrumento cortante na mesa próxima. E deitou-se para sofrer ainda mais.

Madrugada além, chega Gilberto.

Ela geme, estertora.

O marido aproxima-se. Ela não se contém e grita-lhe insultos.

O esposo estaca, aturdido.

— Loucura! Loucura! — clamou colérico.

Sentindo-se humilhada, bradou acintosamente.

Entretanto, porque o marido buscasse contê-la, premindo-lhe um dos braços, estendeu a outra mão e empunhou a faca.

Gilberto, espantado, toma-lhe agora os pulsos.

Atracam-se.

E, sem querer, em movimento instintivo, ela lhe enterra toda a lâmina.

O abdômen é atingido. O esposo rola. Sai dementada. Pede socorro aos vizinhos.

Gilberto é transportado ao pronto-socorro, perdendo sangue.

A intervenção é feita num átimo; contudo, a hemorragia fôra abundante. E a bênção da anestesia devolve simplesmente um cadáver...

III

Maria Regina continua lembrando...

Confessou-se assassina. Não lhe permitiram nem mesmo chorar sobre o morto. Detida. A polícia interveio.

Advogado familiar esposa-lhe a causa. Requer a inspeção de saúde, admitindo-lhe a insanidade.

Submete-se à apreciação de generoso facultativo, que, após o exame, lhe fala em gravidez.

— A senhora deve ter coragem! Confie-mos em Deus — dissera o clínico, entre discreto e humano, enquanto as lágrimas rolavam da face da infeliz.

Declara-se culpada.

— O esposo era amigo e leal — repetia, sempre —, fôra o ciúme, simplesmente o ciúme...

Comovem-se autoridades e obtém-se o "ha-beas-corpus".

Volta a casa. Sòzinha. Desolada.

Uma sombra que chora incessantemente.

Nem as recordações do marido encontrara, ao retorno. A família tudo levava.

Alimentando-se à força e dormindo menos, ouve amigas preocupadas: "Maria Regina, lembre-se do filhinho..." "Maria Regina, nem tudo está acabado. Você vai ser mãe."

Aborrecia-se.

Que lhe importava o filho? — pensava.

Queria sòmente tranquilidade. Mas o remorso era espinho invisível, revolvendo-lhe o coração.

A hora esperada chegou e dores rudes surgiram nela.

Excitava-se o ser não-nascido com violência. Chegara a refletir consigo mesma: "parece uma ave assustada buscando fugir ao ninho de angústia."

Amorosa parenta internou-a.

IV

Manhãzinha, chega o cirurgião apressado. Ausculta. Compreende o problema grave e medita. Ajudamo-lo indiretamente, quanto possível.

Providências pré-operatórias. Socorro antecipado.

A parturiente é submetida à cesariana; no entanto, apesar da esmerada assistência, não mais se recupera.

Não vê o robusto menino em mãos da enfermeira. Quatro horas de inconsciência. E enquanto se lhe inteirica o corpo frágil, devagarinho, desperta conosco em Espírito.

Está fatigada, mas grita em tremendo susto.

Afirma-se assassina, assassina...

Mas alguém chega até nós, trazido por benfeitores. E' Gilberto a sorrir-lhe...

Como num pesadelo, a moça arregala os olhos e suplica:

— Perdoe-me! Perdoe-me!

O esposo, porém, abraça-a com carinho.

E Antésio esclarece:

— Maria Regina, seu débito foi pago. Gilberto apartou-se prematuramente da vida física. Você também. Gilberto perdeu a existência pelo ventre cortado. Você também...

Abraçados, ambos em lágrimas, foram conduzidos a câmara próxima.

Débil recém-nato dormia num berço.

Ao pé dele, enxugando os olhos, a parenta amiga dizia à jovem de branco:

— Chamar-se-á Gilberto, e será meu!...

Maria Regina agarra-se ao esposo e exclama, aflita:

— Que fazer? Que fazer?

O instrutor benevolente aponta a criança e fala bondoso:

— Gilbertinho é o grande porvir! Agora,

lutaremos no reajuste. Mais tarde voltarão vocês no lar dele... Ser-lhe-ão filhos abençoados. E como irmãos um do outro aprenderão, enfim, o amor fraternal para sempre...

Lá fora, o Sol rutilava...

E a luz, invadindo o aposento, parecia a esperança de Deus, prometendo o futuro...

